



THE CIGARETTES SATURNO WINS

Em “Sob o Signo de Saturno”, a ensaísta norte-americana Susan Sontag apresenta um retrato superficial do filósofo judeu alemão Walter Benjamin:

“Era o que os franceses chamam *un triste*. Na juventude, parecia marcado por uma “profunda tristeza”, escreveu Scholem. Considerava-se um indivíduo melancólico, desdenhando os modernos rótulos psicológicos, e invocava a astrologia tradicional: ‘Nasci sob o signo de Saturno o astro de revolução mais lenta, o planeta dos desvios e das dilações...’”

De percurso trágico e fim prematuro, sua descrição se encaixaria de forma fluida na figura de Marcelo Colares, personagem à frente dos Cigarettes e que há mais de duas décadas mistura música, desencanto e ainda alguma alegria. Após cruzar a faixa etária dos quarenta, Colares lança agora “Saturno Wins”.

Sempre à margem de qualquer cena, indiferente até mesmo às tendências do chamado indie brasileiro, o The Cigarettes chega ao sétimo álbum de uma carreira pouco convencional, marcada por breves silêncios e pela famigerada independência. O primeiro lançamento em 1994, uma fita k7 duplicada manualmente, chamava-se “Foolish Things & Blah Blah Blah”. Já nesse último trabalho, arrisca-se em temas e formatos pouco ou nada explorados ao longo de sua trajetória, imprimindo um tom de quase sobriedade às novas músicas.

Uma das duas faixas em português dessa última safra de canções, “Boudoir”, traz o lirismo do Cigarettes revestido com uma roupagem surrealista onde são inseridos nomes e elementos de um suposto universo cult: “Quería namorar Simone de Beauvoir/ Viver como ela e

Sartre num eterno filme noir”. Mais à frente percebe-se que era tudo pretexto para o exorcismo de mais uma desilusão: “Me enredei na sua teia/Seu canto de sereia”. A outra letra na língua materna, a de “Comunhão de Bens”, é da compositora e cantora paulista Laura Wrona, de quem Marcelo já havia gravado “Mantra da Espera”, registrada em “The Waste Land” de 2015.

Certamente esse é o disco em que Colares está mais exposto. As guitarras barulhentas, espécie de marca da banda, e sempre um refúgio para eventuais deficiências vocais, aqui estão fora de cena. Dominado pelo arquétipo voz e violão, “Saturno” acaba por alçar a interpretação ao primeiro plano. Nesse movimento, as fragilidades ganham evidência, com o efeito paradoxal de transformá-las em potência.

O velho caleidoscópio sonoro de influências que vão do indie ao classic rock compõe a paleta saturnina do Cigarettes. No emaranhado de cores, é possível até auscultar alguns suspiros de MPB. Das tinturas místicas de “Jewish Tale” (*At the very last moment/ Before you leave this body/You’ll realize what the angel said to you*) à luminescência de “Sunflower” (*Cos’ you like the sun/ you like the sunflower of my dream*), o disco percorre lentamente possibilidades, tentativas e limitações. Para os afeitos à astrologia, as correlações e paralelos com aspectos associados ao astro do título estão por toda parte. Há também um componente hippie que se conecta ao abandono dos momentos mais febris de, por exemplo, um Radiohead. A pegada folk-reflexiva aliada a alguns arroubos de saturação sugerem a desaceleração como única saída, ainda que sem destino certo.

Nessa era onde prevalecem o cinismo e o déficit de atenção, é provável que “Saturno Wins” não encontre muitos ouvidos receptivos: trata-se de um disco para se ouvir com calma e sem pressa. Coisas que parecem pertencer cada vez mais a um outro tempo, que não sabemos se já acabou ou se ainda vai começar.

por **Eduardo Bento**, jornalista, fanzineiro e office boy do selo Pug Records.

Gravado e produzido em julho de 2016 por Bruna Buzollo no Laboratório 96 em Uberaba, MG. Mixado por Eduardo Ramos. Masterizado por Alan Douches nos estúdios West West Side Music, New Windsor, NY.

Data de lançamento: 10/11/2017.

Selo: Pug Records.

[E-mail](mailto:database.fm@cigarettes) | database.fm/cigarettes | [Facebook](https://www.facebook.com/cigarettes)